

A CONSTRUÇÃO POLÊMICA DA CIÊNCIA: DEBATES E RETÓRICA DE RUPTURA NA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Ronaldo de Oliveira BATISTA (UPM, CNPq)¹
Doutor em Linguística - USP

RESUMO: Este artigo propõe uma análise da retórica de linguistas em situações de confronto teórico e metodológico. Pela perspectiva da Historiografia Linguística, são revistos três debates que fizeram história na linguística brasileira. O objetivo é evidenciar de que modo práticas científicas estão relacionadas a posicionamentos argumentativos em busca de legitimação de ideias linguísticas.

Palavras-chave: Historiografia Linguística, Retórica, Debates

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a retórica² de linguistas em três debates da história da linguística brasileira para evidenciar de que modo práticas científicas estão relacionadas com posicionamentos argumentativos em busca da legitimação de ideias linguísticas.³

Em 1986, Fernando Tarallo escreveu, em *D.E.L.T.A.* (Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), “Zelig: um camaleão-linguista”, artigo no qual propunha para a ciência da linguagem um cruzamento de modelos teóricos para a solução de análises de fenômenos linguísticos. Em resposta crítica a essa proposta, José Borges Neto e Ana Lúcia de Paula Müller escreveram em 1987, na mesma revista, “Linguistas ou camaleão: uma resposta a Tarallo”. Em tom de discórdia, os dois autores argumentavam que a interdisciplinaridade, tal como proposta por Tarallo, colocaria em

¹ E-mail: ronaldo.obatista@gmail.com

² *Retórica* é compreendida como manifestação discursiva em busca de persuasão, procurando legitimar práticas de atuação científica. A diretriz metodológica deste artigo segue os estudos sobre a retórica dos linguistas realizados por Batista (2015, 2016, 2017, 2018a, 2018b, 2019).

³ Este artigo retoma análises de Batista (2017, 2018a, 2018b) que trataram particularmente de cada debate. Essa retomada objetiva apresentar aspectos retóricos dos debates em uma visão conjunta e panorâmica, tendo em vista uma apresentação de modos de análise em Historiografia Linguística.

risco o fazer científico. Novamente Tarallo se posicionou em 1988 com “Uma estória mal-contada”, encerrando o debate nas páginas da revista.

Em 1987, o semanticista Rodolfo Ilari (no artigo “Dos problemas de imperfeita simetria”) e o pragmaticista Kanavillil Rajagopalan (no artigo “Quando ‘2+3’ não é igual a ‘3+2’: a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural) debateram sobre interpretações de enunciados contraditórios e suas explicações dentro de quadros epistemológicos específicos. Esse debate ocorreu nas páginas dos *Cadernos de Estudos Linguísticos*, no número 13, de 1987⁴. De uma primeira discussão proposta, sob a ótica da semântica, por Ilari para uma análise de construções simétricas, seguiu-se uma réplica de Rajagopalan, introduzindo o ponto de vista da pragmática. Ainda no mesmo número da revista, Ilari fez a sua tréplica, encerrando o debate com o artigo “O que fazer quando ‘2+3’ não é igual a ‘3+2’: a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural”.

Em 1989, na *D.E.L.T.A.*, Sebastião Votre e Anthony Naro publicaram o artigo “Mecanismos funcionais do uso da língua”, no qual afirmavam ser formalismo e funcionalismo paradigmas divergentes e excludentes, exigindo, assim, uma escolha teórica e metodológica por parte do linguista. Em resposta, Milton do Nascimento, posicionando-se em grupo de especialidade gerativista, em 1990 escreveu “Teoria Gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua”. Texto em que não concordava com uma necessidade de escolha teórica, pois partia do princípio de que os dois paradigmas tratariam, na verdade, de objetos diferentes. Encerrando o debate, Votre e Naro responderam a Nascimento em texto de 1992, “Mecanismos funcionais do uso da língua: função e forma”.

Nos três debates pontos em comum: o rigor epistemológico entre o que se considera perspectiva formal ou funcional e a possibilidade (ou não) de diálogo interdisciplinar entre essas duas posturas científicas; o pertencimento a paradigmas; a definição de objetos de análise; e a questão da incomensurabilidade.

⁴ O primeiro texto do debate foi publicado originalmente em 1983. O confronto entre as posturas adotadas por Ilari e Rajagopalan foi republicado em *Cadernos de estudos linguísticos* em 1987, com os três textos da polêmica em um mesmo volume.

Entende-se que uma visão histórica e analítica sobre movimentos de continuidade e descontinuidade na linguística brasileira pode contribuir para nossa percepção da construção dinâmica da ciência e de suas práticas, extremamente relacionadas com o aspecto social e humano da produção científica, mesmo que este seja constantemente negado e voluntariamente esquecido em muitos registros históricos.

Este artigo seletivamente privilegia apenas uma das possibilidades de interpretação das retóricas dos linguistas⁵: aquela que analisa a elaboração textual-discursiva das retóricas. Não se considera, mesmo assim, que as retóricas sejam produções linguísticas desvinculadas de uma circunscrição social que a motiva e a legitima. No entanto, pela extensão limitada deste texto, deixaremos de mencionar toda uma configuração institucional fundamental para a compreensão de movimentos de legitimação de ideias linguísticas.⁶

Retórica e confronto teórico e metodológico

Os debates selecionados para esta análise evidenciam situações de confronto na linguística brasileira. Desde a década de 1980, diante da pluralidade de programas de investigação e grupos de especialidade, diferentes paradigmas de análise linguística buscaram sua legitimação teórica e seus espaços institucionais em universidades e centros de pesquisa (v. ALTMAN, 1998).

Em busca da validação de práticas científicas, o confronto discursivo foi estratégia marcante nas trajetórias de ruptura epistemológica e metodológica que ajudaram a dar o tom de diversidade teórica da linguística brasileira.

As oposições aqui analisadas se deram pela configuração de ideias que pertenciam a específicas camadas teóricas e técnicas (conceituações de língua e procedimentos de análise de fenômenos linguísticos), camadas materiais (o material definido como objeto de análise) e camadas contextual-institucionais (a circunscrição de

⁵ Analisar o papel da retórica na legitimação de ideias linguísticas é tarefa a ser executada a partir de um quadro socioretórico. Interessam a esse quadro: compreender como se constrói a legitimidade de um saber por meio do discurso adotado por agentes da produção e recepção de ideias linguísticas; analisar recursos linguísticos e argumentativos utilizados na elaboração de retóricas de ruptura ou de continuidade; interpretar os saberes, e o discurso que veicula esses saberes, em sua circunscrição histórica e social.

⁶ Remetemos os leitores para os textos de Batista (2017, 2018a, 2018b), nos quais as retóricas presentes nos debates aqui revistos são analisadas em sua dimensão textual-discursiva e também social e institucional.

práticas linguísticas em recortes histórico-sociais).⁷ Oposições que se concretizaram na via do dissenso e da franca oposição por meio de retóricas de ruptura entre modos de conceber e compreender a análise linguística.

2.1 A polêmica em torno da sociolinguística paramétrica

Em 1986, o sociolinguista Fernando Tarallo propunha, em “Zelig: um camaleão-linguista”, cruzamento de modelos teóricos – em nome de “uma teoria global do discurso [que] pode e deve ser construída” (TARALLO, 1986, p. 127) – para análises de fenômenos linguísticos relacionados à sintaxe.

Tarallo imprimiu a seu texto uma retórica de ruptura com a imagem científica de um linguista que, na sua interpretação, estaria por demais circunscrito a um único programa de investigação. Em contrapartida, Tarallo propunha uma linguística aberta a diálogos entre propostas teórico-metodológicas para ampliar o poder analítico de fenômenos complexos: “resta-nos [...] chegar a um certo descomprometimento com o modelo em que atuamos e procurar, em sub-áreas afins, outras possíveis soluções [...]” (TARALLO, 1986, p. 142).

Em sua retórica de ruptura, uma das práticas científicas a combater era aquela colocada em ação pelos gerativistas. Para Tarallo, esses gerativistas representariam simbolicamente o lugar da não qualidade, o que equivale ao da restrição teórica e, portanto, inadequado. Em contrapartida, o linguista-camaleão deveria contemplar esse ortodoxo linguista gerativista, que passaria, então, a dialogar com os sociolinguistas em busca de explicações mais satisfatórias para análise de fenômenos sintáticos das línguas. Numa estrutura textual em paralelo, opondo gerativistas e sociolinguistas, a força argumentativa de Tarallo se construía em busca da fixação da imagem do linguista plural que sairia de uma ortodoxia e caminharia em direção a uma linguística mais social. Na elaboração do argumento, a balança pendeu para o lado da sociolinguística, que, sem dúvida, era alçada, na retórica, a uma dimensão positiva, exatamente por estar em seus domínios a possibilidade da confluência.

Como ponto de partida para sua própria reflexão, o historiador que tem o compromisso teórico de qualquer pesquisador com

⁷ Sobre o uso da categoria analítica *camada* em Historiografia Linguística, v. Swiggers (2019).

uma determinada linha de pesquisa fatalmente o [o linguista ortodoxo] condenará à condição de não-camaleão. Destes não-camaleões o historiador acredita serem os gerativistas o melhor exemplo.

.....
A segunda personagem com que se deparará nosso historiador é o pesquisador preocupado com a realidade sócio-cultural-econômica-linguística. É o pesquisador que surgiu como consequência do desencanto com a escola gerativa. (TARALLO, 1986, p. 131-132)

Tudo aquilo que varia é, em geral, ignorado pelos gerativistas ou resolvido em termos de caráter da regra opcional. No modelo sociolinguístico de análise, no entanto, a variação e o aparente “caos” linguístico são assumidos como objeto de estudo e para a solução dos problemas de variação tem-se uma nova equação entre heterogeneidade e sistematicidade. (TARALLO, 1986, p. 132-133)

A retórica do sociolinguista foi elaborada por meio de estratégias como o uso de: a) desqualificações de uma linguística limitada ao nível sentencial ou textual; b) questionamentos, já que seria mais adequada para a análise linguística uma proposta abrangente e plural; c) comparações, destacando o que seria positivo e o que seria, ao contrário, negativo em cada postura teórica assumida (plural ou não); d) qualificação positiva do sujeito que enuncia a partir do lugar de qualidade assumido pelo sociolinguista.

Contra o Tarallo de 1986, Borges Neto e Müller escreveram no ano seguinte, na mesma revista, o texto “Linguistas ou camaleão: uma resposta a Tarallo”. Em tom de discórdia, os autores argumentavam (com base em Imre Lakatos e na incomensurabilidade) que a conjunção dos programas da sociolinguística e da gramática gerativa poderia colocar em risco o próprio fazer científico. Os autores instauraram outro lugar de qualidade: o da epistemologia e o do filósofo da ciência. Recurso a uma longa e legitimada tradição de conhecimento, tendo em vista desconstruir e negar como legítimo o que Tarallo propunha em seu texto.

Borges Neto e Müller desqualificaram em absoluto o Tarallo de 1986. Nos fragmentos abaixo, destacam-se em emprego de conotação negativa palavras como “discordar”, “recomendar”, “descomprometimento”, “doença”, “problemas”, “sugestão”. Como ponto principal a instaurar uma polêmica, a negação do argumento do outro como válido. Esse aspecto delineava uma retórica que estabelecia não mais um debate como

espaço de troca de ideias, mas uma verdadeira interação polêmica que se colocava sem solução, uma vez que ambos os lados passariam a desvalorizar o argumento do outro.

O trabalho de Tarallo tem como objetivo recomendar um certo descomprometimento do linguista com o modelo em que atua, uma vez que é desejável uma certa quantidade de doença na pesquisa linguística para que esta se torne sã. (BORGES Neto; MÜLLER, 1987, p. 86)

Na medida, porém, em que se pretende adotar a mesma análise para os dados do português, aparecem problemas [...] (BORGES Neto; MÜLLER, 1987, p. 86)

Para Tarallo, estas dificuldades aparecem na medida em que, adotando a perspectiva do discurso, esquece-se dos fatos sintáticos; ou na medida em que se esqueçam os fatos discursivos quando adotada uma perspectiva puramente sintática para a análise dos dados.

.....
O ponto central da argumentação de Tarallo, então, consiste na sugestão de que uma análise puramente sintática, bem como uma análise puramente discursiva, não se constituirão em análises satisfatórias dos fatos envolvidos em TOP e DESL.

.....
Em outras palavras, a única saída é nos tornarmos, todos, camaleões.

.....
[...] aparentemente, o camaleão de Tarallo é eclético, e é deste camaleão que gostaríamos de discordar. (BORGES Neto; MÜLLER, 1987, p. 87-88)

Pode-se observar também, em especial, o tom da polêmica sem solução no apontamento de uma possível falta de habilidade de Tarallo, resultante, como se depreende, de uma falha na formação intelectual do sociolinguista: o *ethos* do cientista competente e bem formado é negado, sendo negada conseqüentemente a validade de qualquer argumento que tenha sido exposto na proposição de um novo programa de investigação na linguística. Ao leitor, em meio à negação da validade da análise apresentada no primeiro texto de Tarallo, são dirigidas, retoricamente (como efeito do discursivo), também paixões a provocar, ou não, adesão ao que Borges e Müller defendiam.

Tarallo constata, mas não compreende porque talvez lhe falte uma fundamentação epistemológica, a postura não-camaleão do gerativista.

Enganado novamente por uma falsa imagem da ciência, Tarallo vai buscar nas atitudes individuais dos cientistas as razões para esse aparente desprezo dos gerativistas pelos “fatos” dos empiristas.

.....
Admitindo-se que a análise de Tarallo sobre a questão dos TOPs e DESLs em português seja correta, teríamos demonstrada a inadequação de ambos os programas (o gerativismo e a pragmática-discursiva) para o tratamento destes dados em português. Daí não decorre necessariamente que os programas devem ser abandonados [...], nem decorre a postulação de um maior despreendimento em relação aos modelos, como Tarallo faz crer. (BORGES Neto; MÜLLER, 1987, p. 91-92)

Diante da retórica de oposição de Borges Neto e Müller em 1987, Tarallo publicou uma réplica em 1988 com “Uma estória mal-contada”. No confronto estavam modos de compreensão do fazer científico, entre questões metodológicas e epistemológicas e entre a própria visão da prática de pesquisa.

Com voz beligerante e tom que não disfarçavam o descontentamento com a réplica que seu texto havia recebido, o Tarallo de 1988 alterou definitivamente o rumo do que se poderia esperar de um debate, transformando-o em uma polêmica que abandonava um espaço para discussão de ideias, como parecia ser a proposta da avaliação negativa feita por Borges Neto e Müller em 1987, ainda que esta também não se tenha pautado por estratégias que privilegiassem a discussão de ideias.

O sociolinguista, dessa vez, assumiu uma retórica que consistiu essencialmente na desqualificação do outro como estratégia argumentativa.

[...] não uma réplica a Borges Neto & Müller pois, conforme relatarei, nada de substancial existe na réplica que mereça uma réplica. Assim sendo, valho-me tão e unicamente de uma simples carta endereçada aos leitores, na qual desfazo os equívocos de leitura cometidos pelos autores da réplica. (TARALLO, 1988, p. 266)

[...] desfazendo os mal-entendidos, com duas metas específicas em mente:

1. a de que o texto de 1986 sobre a longevidade do Zelig, isto é: do camaleão-linguista, é inquestionável, e
2. a de que a réplica de 1987, de tão inócua em propositura, nem mesmo escrita deveria ter sido. (TARALLO, 1988, p. 267)

Nas marcas textuais de uma retórica de recusa da validade do texto de Borges Neto e Müller, a seleção lexical e o posicionamento subjetivo do sociolinguista

evidenciavam que a questão estava de todo modo distante do espaço de troca de ideias. Nesse sentido, destacam-se palavras e expressões como “arrogante”, “pessoalmente agressivo”, “altamente pretensioso”, “lutam e gritam pela pureza epistemológica”.

[...] a revista D.E.L.T.A. publicou, em sua seção DEBATE um texto arrogante, pessoalmente agressivo, e altamente pretensioso, assinado por José Borges Neto e Ana Lúcia de Paula Müller [...] (TARALLO, 1988, p. 266)

[...] meu Zelig aparece como uma peça desprezível de uma engrenagem no meio da qual Borges Neto & Müller desesperadamente lutam e gritam pela pureza epistemológica, e, ahá!, pela ‘racionalidade da ciência’. (TARALLO, 1988, p. 268)

Como no texto de 1986, Tarallo recorreu aos argumentos de autoridade, em busca da validação de sua proposta, que ele considerou, como é possível inferir pela sua retórica, injustiçada e equivocadamente avaliada. Além da busca pela associação com o grande nome da sociolinguística, Tarallo, mais uma vez, advogava para si o lugar da qualidade, configurado pelo diálogo entre as ideias de Labov e as suas próprias. A orientação dada por Tarallo a essa sua tréplica privilegiou algumas estratégias argumentativas para a elaboração de sua retórica de oposição e negação da validade da réplica de 1987: a) desqualificação do outro (por meio do uso de adjetivação e caracterização negativa); b) utilização de argumento de autoridade; c) revalorização do lugar de qualidade; c) citação de rede intertextual a elaborar um horizonte de retrospectão de qualidade; d) ironia e metáfora; e) aproximação com o leitor.

Nesse jogo de forças que o debate se tornou, o encaminhamento da tréplica adquiriu contornos excessivamente pessoais e agressivos na negação da visão do outro, encerrando a série de publicações, sem manifestação ou resposta por parte dos autores do texto de 1987, naquele contexto.

Pertencer a grupos de especialidade distintos contribuiu para que a oposição se mostrasse de forma mais direta, e muitas vezes mais agressiva, pois, ao lado de um interesse em firmar espaços acadêmicos e intelectuais, havia também o pertencimento a comunidades argumentativas que sustentavam a legitimação dos grupos. Tarallo, Borges e Müller falaram cada um do espaço que lhes parecia legitimado naquele momento, o que possibilitou que formulassem retóricas que não circularam apenas como artigos de

periódico, mas sim como elementos-chave para identificar pertencimentos e exclusões (a grupos de pesquisa e a centros de ensino e produção científica) na configuração plural da linguística brasileira da época.

Os domínios das análises semântica e pragmática

O debate entre Rodolfo Ilari e Kanavillil Rajagopalan se deu em torno de discussões sobre as chamadas construções simétricas e as orações equacionais. O fenômeno gramatical destacado colocava em jogo que tipo de elementos deveriam ser articulados para explicar a falta de simetria apontada: uma análise imanente semântica ou uma análise que incorporasse dados extralinguísticos, de natureza pragmática ou enunciativa. Ilari argumentou no debate a favor de uma análise de natureza imanente semântica, enquanto Rajagopalan, apoiando-se na natureza da negação linguística, argumentou a favor de uma abordagem pragmática, em torno de atos de fala (como a denegação) e posicionamentos enunciativos assumidos (e reconhecidos) pelos falantes nas trocas comunicativas.

Em 1983 (texto republicado em 1987), Ilari se colocou, diante do fenômeno da imperfeição de sinonímia e simetria nas construções e orações selecionadas para análise, em um ponto de vista de oposição em relação a procedimentos analíticos adotados pela semântica argumentativa. A oposição se deu entre uma semântica formal e uma semântica argumentativa na linha dos estudos de Oswald Ducrot, representada no Brasil pelos trabalhos (entre outros), nas décadas de 1970-1980, de Carlos Vogt. Ilari colocava-se em vias diametralmente opostas às que as análises da semântica argumentativa propunham.

Entretanto a saída proposta por Vogt – invocar diferenças nas condições de uso [para a explicação da falta de simetria em construções similares às selecionadas para a análise de Ilari em 1983] – não resolve nossos problemas aqui: os fatos que apontei têm uma natureza evidentemente sistemática, semântica, e nosso problema é de formular a relação entre os empregos mais correntes de certas palavras ou construções – para os quais dispomos de uma descrição satisfatória – e certos empregos menos usuais. (ILARI, 1987[1983], p. 64)

O método analítico empregado por uma semântica argumentativa foi desqualificado em sua validade, pois Ilari indicava problemas que não poderiam ser

solucionados a partir da perspectiva teórica da semântica argumentativa. A via de solução estava exatamente em uma descrição de natureza imanente – “evidentemente sistemática” –, capaz de resolver os impasses analíticos indicados.

A retórica de oposição a uma semântica na linha de Ducrot não se deu, no posicionamento argumentativo de Ilari, por meio do uso de argumentos *ad hominem*, pois em nenhum momento se construiu uma figura pessoal a ser atacada na veia da polêmica e do confronto. A discussão se colocou, de modo até polido, em termos de possibilidade explicativa de teorias. É um quadro teórico que se questiona, e não um linguista em particular. No entanto, é claro que estava incorporado à oposição que se estabelecia na retórica todo o grupo de especialidade que atuava em semântica argumentativa.

Num jogo entre o dito e o não dito (a desqualificação dos alcances explicativos da semântica argumentativa se dava em Ilari na linha de pressupostos do tipo: se a descrição sistemática é satisfatória, entende-se, portanto, que a outra explicação não sistemática não é satisfatória) é que estavam a oposição e a ruptura de caminhos explicativos para questões do significado.

Quatro anos depois (considerando a data original de 1983), em 1987 uma resposta ao posicionamento de Ilari se fez presente nas páginas dos *Cadernos de Estudos Linguísticos*. No entanto, não uma réplica por parte de semanticistas da vertente argumentativa (forma de análise negada como válida na retórica de Ilari). Instaurando o debate, um posicionamento em oposição à explicação proposta por Ilari para as construções simétricas e orações equacionais surgiu nos argumentos de um pragmaticista, Kanavillil Rajagopalan.

A retórica de Rajagopalan adotou uma estratégia discursiva que transitava entre a polidez no tratamento ao texto de Ilari (1983) e a negação da argumentação construída na perspectiva semântica. Não foi negado, na retórica, reconhecimento científico a Ilari, expresso por meio de adjetivos que elaboravam para o semanticista um *ethos* de pesquisador reconhecido e competente no panorama da linguística brasileira.

O que o pragmaticista parecia ter em mente era em essência o debate científico, organizado principalmente em torno do interesse em defender a validade da prática

científica de uma pragmática integrada, estabelecendo, desse modo, limites para uma explicação semântica tal como formulada por Ilari (1983).

Num artigo extremamente fascinante intitulado ‘Dos problemas de imperfeita simetria’, Ilari (1983) apresenta o seguinte quebra-cabeça lógico-linguístico achado por acaso durante uma conversa informal: ao fazer a observação (1A) a um certo Dr. C.S., veio a resposta (1B):

(1) A. Soube que você trabalha na mesma sala que o Paulo

B. Não, o Paulo é que trabalha na mesma sala que eu

O que torna o diálogo acima linguisticamente interessante (e desencadeou uma série de reflexões analíticas e teóricas por parte de Ilari) é que, do ponto de vista lógico, a resposta (1B) parece, pelo menos em um primeiro momento, tão estranha quanto (2b), de minha invenção, enquanto resposta a (2a)

(2) a. ‘2+3’ é 5

b. Não, mas ‘3+2’ é (RAJAGOPALAN, 1987, p. 67)

O objetivo principal deste trabalho é prover uma explicação para (1), explicação essa que me parece intuitivamente satisfatória e, o que é mais interessante ainda, perfeitamente sustentável dentro do quadro geral teórico e analítico sobre linguagem acumulado até o presente momento. [...]

Evidentemente qualquer polêmica a nível teórico como essa, remete, em última análise, a uma questão de postura teórica que, por sua vez, envolve considerações sobre a própria concepção de linguagem (como representação, ação e assim por diante) e também da predileção metateórica (por exemplo, qual o papel do componente semântico numa teoria global sobre a linguagem). (RAJAGOPALAN, 1987, p. 69)

Em Rajagopalan, a negação da validade dos argumentos utilizados por Ilari se deu pela desvalorização da natureza teórica estabelecida no texto do semanticista: “Há um pequeno equívoco nessa observação de Ilari que precisa ser desfeito [...]” (RAJAGOPALAN, 1987, p. 67); “Ilari utiliza um argumento cuja validade, porém, me parece extremamente duvidosa.” (RAJAGOPALAN, 1987, p. 82); “Para demonstrar a inviabilidade do argumento de Ilari, veremos o seguinte argumento construído nos mesmos moldes [...]” (RAJAGOPALAN, 1987, p. 82).

A astúcia argumentativa de Rajagopalan não deixava de colocar o linguista Ilari em espaço de representação científica legitimado e reconhecido. Se o campo da semântica estava diante de refutações, essas não desconsideravam a respeitabilidade do semanticista e colega de universidade.

A retórica de Rajagopalan, desse modo, se mostrava atenta ao auditório heterogêneo que tinha diante de si, ao escrever não apenas para pragmaticistas. Ao contemplar a legitimação científica do posicionamento de Ilari (1983), Rajagopalan dotava sua retórica do tom de troca de ideias científicas que tanto delineou em seu texto.

Não pretendo discutir um por um os diversos caminhos linguísticos que Ilari nos aponta, antes de chegar à conclusão de que nenhum deles nos conduz para fora do labirinto lógico. Isso porque, nestas discussões se evidenciam um claro domínio dos recursos analíticos e uma alta sensibilidade aos dados que sempre sobressaem nos trabalhos de Ilari, qualidades essas que deixam pouco espaço para contestação. A tese alternativa que pretendo prover a seguir será no sentido de demonstrar que a forma de identificação do problema nos termos em que Ilari a faz impossibilitou o que no meu entender é a única explicação, e que, no momento que o problema for encarado com uma ótica diferente, abrir-se-á o caminho para essa explicação. (RAJAGOPALAN, 1987, p. 70)

Entre a semântica e a pragmática, Rajagopalan fez de seu texto de 1987 uma defesa dos estudos pragmáticos, que seriam capazes de chegar a soluções mais satisfatórias do que as oferecidas pela semântica, que não seria capaz, assim se coloca a retórica de Rajagopalan, de dar conta sozinha da complexidade de muitos dos fenômenos do significado das línguas naturais.

No mesmo ano de 1987 (e no mesmo volume de *Cadernos de Estudos Linguísticos* em que a réplica de Rajagopalan foi publicada), uma tréplica de Ilari chegaria para reafirmar o ponto de vista do semanticista. Um espaço para a semântica como forma de explicação de fenômenos linguísticos era novamente reivindicado. Adotando estratégia discursiva semelhante à de Rajagopalan no uso de marcadores de polidez, Ilari elaborou na sua retórica um lugar de qualidade para o pragmaticista.

Observe-se nesse sentido a descrição do artigo de Rajagopalan como “uma longa reflexão” e “argumentação alentada”, o que no não dito implica a consideração de que a réplica foi fruto de uma elaboração intelectual digna de consideração científica.

Mesmo atribuindo valor intelectual aos posicionamentos de Rajagopalan, Ilari manifestou sua retórica de oposição ao também estabelecer dois espaços antagônicos para modos de explicação de fenômenos linguísticos. O semanticista se colocou em uma posição quase obrigatória de resposta diante das refutações presentes em Kanavillil

(1987), já que essas refutações foram caracterizadas como apresentando “um forte sentido de crítica”.

Na retórica de Ilari, o recurso argumentativo de se colocar em uma posição que, por ela mesma, validava uma resposta, pois foi destacado que Kanavillil viu no texto de 1983 tanto ausência de percepção analítica quanto até falta de “perspicácia” na adoção de uma perspectiva semântica de explicação de fenômenos linguísticos.

Uma linha tênue entre polidez e recusa da validade do posicionamento do outro foi delineada nos dizeres do semanticista, no sentido de que se procurou descaracterizar a validade de posicionamentos de Rajagopalan em 1987 e a construção argumentativa de uma explicação pragmática para as construções gramaticais destacadas no debate. Foi apontada por Ilari falta de evidências linguísticas para argumentos adotados por Rajagopalan. Além disso, o semanticista também indicou haver descompasso entre a explicação teórica adotada e os casos linguísticos motivadores da análise.

Mesmo com essa retórica de oposição estabelecida, Ilari na conclusão de seu texto não deixou de se apropriar novamente de estratégias de polidez, ao indicar a validade da réplica de Rajagopalan para a reelaboração dos argumentos semânticos que utilizou em 1983.

Meu texto estimulou uma longa reflexão por parte do Prof. Kanavillil Rajagopalan, que ele respondeu com “Quando ‘2+3’ não é igual a ‘3+2’: a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural”. O texto do Prof. Rajan propõe-se como problema o mesmo diálogo (1)⁸: adotando um enfoque teórico parcialmente diferente, constrói uma solução que se apoia numa argumentação alentada. Como, no texto anterior [Ilari refere-se ao texto de 1983], eu não tinha propriamente defendido nenhuma proposta, o sentido geral do dele não é de refutação; mas seu texto tem um forte sentido de crítica, quando afirma que existiam soluções e que eu as deixei escapar, e quando atribui essa falta de perspicácia ao fato de que utilizo uma concepção excessivamente estreita de linguagem. (ILARI, 1987, p. 97-98)

No substrato da discussão sobre as construções simétricas e as orações equacionais, estava a delimitação de grupos de especialidade e de seus respectivos programas de investigação. Esse aspecto da oposição estava bastante claro na tréplica de Ilari:

⁸ Ilari se refere ao diálogo que motivou a análise em 1983: “Soube que você trabalha na mesma sala que o Paulo”/ “Não, o Paulo é que trabalha na mesma sala que eu”.

Não contendo que a visão mais abrangente dos fatos da língua é pragmática, que a semântica e a sintaxe adotam perspectivas mais redutoras e que às vezes a perspectiva maior é necessária para a compreensão adequada deste ou daquele fenômeno. Também não tenho nenhum *parti-pris* contra os adeptos da pragmática (quando fazem análise pragmática e não simplesmente veiculação de *slogans*). Acho porém que os adeptos da pragmática desservem sua ciência quando lhe atribuem tudo; em outras palavras, penso que é mais útil afirmar que determinado fenômeno é pragmático significando “não há como explicá-lo nos níveis mais específicos da sintaxe e da semântica” do que significando vagamente “é um fato de língua que me intriga”. Em outras palavras, penso que as noções de semântica e sintaxe servem – ainda – para marcar limites qualitativos: os limites até onde vai uma certa metodologia, a mostrar que estamos lidando com uma certa ordem de fatos. (ILARI, 1987, p. 101)

Ilari e Rajagopalan utilizaram no debate uma retórica de configuração complexa, entre a polidez e a recusa da validade para argumentos sustentados pelos dois lados. Essa complexidade indicia que o debate não se deixou contaminar pelo uso de estratégias argumentativas que apelariam para a desconstrução da imagem pessoal do oponente. Tudo leva a crer que o mesmo vínculo institucional (a Unicamp) e a prática do debate em termos de estudos da linguagem no círculo social e acadêmico do qual os dois linguistas faziam parte contribuíram para que as rupturas teóricas fossem expressas de modo mais sutil.

2.3 Funcionalistas vs. gerativas na linguística brasileira

O debate forma vs. função na história da linguística brasileira pode ser caracterizado como um embate entre dois programas de investigação que colocaram em linha direta de contraste e oposição grupos de especialidade que se reconheciam como distintos em sua visão de língua e procedimentos de análise e também como pertencentes a distintas comunidades de interlocução⁹. Como parte dessa configuração social da linguística nacional, está o debate entre Votre & Naro e Nascimento.

O início do debate foi estabelecido pelo tom de confronto assumido por Votre & Naro, que organizaram sua argumentação a partir da recusa de uma abordagem

⁹ Altman (1998) aponta como a tensão entre formalismo e funcionalismo esteve presente na produção divulgada em periódicos da área até o final da década de 1980, período que coincide com o da produção e difusão das ideias manifestadas em nosso *corpus*.

formalista, em especial uma ruptura com uma sintaxe gerativa. Representando o programa da Gramática Gerativa, no lado a ser atacado pela retórica de ruptura, estava um trabalho de Milton do Nascimento sobre a ordem sintática do português.

Dando força ao tom que criticava o outro, para acabar valorizando a posição assumida nesse primeiro ato do debate, Votre & Naro (1989, p. 170) assim se posicionaram:

[T]emos uma perspectiva específica com respeito às generalizações estruturais, cada vez mais abrangentes, da gramática formal. Se essas generalizações forem verdadeiras ainda assim elas não passam de meros fatos, reunidos sob a forma de esquemas.

Uma expressão como “perspectiva específica” reforça o espaço do debate como dimensão de confronto e ruptura entre o tratamento formal e o funcional para fenômenos linguísticos. Essa negação em atribuir valores positivos ao programa gerativista pode ser evidenciada em afirmações como: “para nós um princípio como o da ‘subjacência’, se verdadeiro, longe de ser uma explicação, precisa ser explicado” (VOTRE & NARO, 1989, p. 170).

Na retórica, a elaboração de uma imagem simbólica negativa para os gerativistas: a) os autores colocaram em jogo um lugar legitimado como o de uma pesquisa científica adequada, pois desconfiavam dos princípios teóricos da Gramática Gerativa, seus resultados e alcances; b) ao colocarem sob o crivo da avaliação negativa os métodos do que entendiam como “gramática formal”, a qualidade e o resultado de uma abordagem formalista foram desacreditados, pois a referência à tendência de formulações matemáticas para regras e de uso de representações arbóreas, por exemplo, foi considerada como “esquemas”, em um ponto de vista que qualificava negativamente procedimentos do programa gerativista.

Um contraste entre o ideal e o possível, em termos de elaboração teórica, na opinião de Votre & Naro (1989, p. 170, destaque no original), invalidava a proposta gerativista:

[O] conceito de estrutura no abstrato, considerada independentemente das suas fontes geradoras – e entre elas a comunicação – é **uma espécie de ilusão de ótica criada pelo**

próprio linguista ao observar as regularidades, sem observar suas causas.

Votre & Naro fizeram uso do argumento de autoridade, que se colocava pelo valor dos antecedentes históricos e pelo valor da pessoa (de uma figura que assume, diante de seu posicionamento institucional e intelectual, lugar de destaque).

[N]ossa posição pode ser rastreada na linguística recente em diferentes estudiosos de diferentes tendências, a exemplo de Bolinger, 1975, e de representantes da Escola de Praga a partir dos anos 30. (VOTRE & NARO, 1989, p. 171)

A utilização do argumento de autoridade conferia à retórica dos funcionalistas o ideal de filiação a uma tradição de estudos, destacando o pertencimento a um programa de investigação que ancorava raízes na historicamente validada Escola de Praga. Os autores estavam como a dizer a seus leitores: como poderíamos estar equivocados se estamos em diálogo com linguistas como Vilém Mathesius (1882-1945), que na década de 1920 lançou as bases do que seria uma linguística funcional?

Em estratégia argumentativa que apelava não para argumentos de natureza teórico-metodológica, mas para o modo como eles percebiam a linguística de sua época, os autores falaram em “frustração” e “fracasso”, diante da ausência de resultados concretos, na perspectiva de ruptura adotada pelos funcionalistas:

[E]ntre os motivos mais imediatos que têm levado um número expressivo de linguistas a trabalharem nessa linha, podemos citar a frustração criada pelo fracasso da gramática gerativa, com suas sucessivas versões, cada vez mais complexas e cada vez menos capazes de lidar com dados reais. Os formalistas continuam, **ainda hoje** (1988), a produzir tanto a teoria como os dados, que dizem justificar essa teoria. Entretanto, é fácil perceber que os dados são estranhos, soam obtusos, quase impossíveis de acontecer em qualquer contexto real. (VOTRE & NARO, 1989, p. 172, destaque no original)

[T]emos, por outro lado, uma razão de natureza positiva para o crescimento da abordagem funcional em Linguística, motivada por evidências do acerto de propostas de cunho discursivo. (VOTRE & NARO, 1989, p. 173)

O artigo dos funcionalistas apresentava elementos linguísticos que evidenciavam o projeto de descontinuidade com abordagens formais como a gerativa, conferindo espaço privilegiado à abordagem funcionalista, vista como solução contemporânea para

uma linguística que se pretendia mais explicativa, atacando um dos princípios da Gramática Gerativa, que sempre se colocou como uma teoria elaborada em torno do ideal explicativo.

A reação de Nascimento (1990) se deu em tom conciliador, que elaborava um *ethos* do cientista que pregava o diálogo em meio a pluralidades teóricas e diferentes procedimentos metodológicos. Podem-se apontar duas características de destaque na construção textual que revelava o teor argumentativo: a) uso da 1ª. pessoa do singular em enunciados performativos, com verbos que denotavam o posicionamento de Nascimento diante do texto de 1989, ao qual reage: “acredito”, “creio”, “propus-me” (NASCIMENTO, 1990, p. 83, 85, 92); b) estruturas sintático-semânticas que denotavam posicionamento de conciliação, reforçando a imagem de um cientista que se colocava de modo positivo diante da pluralidade teórica: “nos oferecem uma boa oportunidade”, “implementar um diálogo construtivo”, “troca de ideias”, “discussão acadêmica rentável”, “diálogo entre pesquisadores” (NASCIMENTO, 1990, p. 83, 86).

Em ruptura sem a carga lexical comum a descontinuidades e conflitos, Nascimento, mesmo diante de seu esforço de construção da imagem da conciliação, em alguns momentos marcou sua oposição em relação às ideias de Votre & Naro de 1989: a) ora fazendo apelo ao leitor, pois colocava a responsabilidade da avaliação na mão do destinatário de seu discurso; b) ora desvalorizando o objetivo do texto de 1989 ou o seu teor intelectual, enviesado em sua opinião, como se depreende de suas palavras, arrematadas pela força argumentativa do marcador “portanto”, dando um aspecto de veracidade ao ponto de vista que assumia pela ruptura com Votre & Naro:

Primeiramente, creio que, com essa linha de raciocínio, o texto de V&N pode levar o leitor menos atento a pensar que as duas abordagens são comparáveis, apresentando-se como alternativas para o tratamento de um mesmo fenômeno, de um mesmo objeto. E não o são. [...] A questão de se saber qual dos dois é melhor, portanto, não se coloca. (NASCIMENTO, 1990, p. 88)

Outra estratégia argumentativa de Nascimento reforçava o ideal de cientificidade e contribuía para desqualificar o posicionamento de Votre & Naro em 1989: o uso de argumento de autoridade (como também haviam feito os funcionalistas), construído pela

citação de textos de N. Chomsky, A. Redford., C. Franchi – autores reconhecidos por aqueles que se enquadravam em um grupo de especialidade em torno da sintaxe formal.

Em um distanciamento bem calculado, a retórica de Nascimento ganhou ares de superioridade, pois centrada no *ethos* do cientista consciente de um campo aberto a diálogos e confluências, ainda que, em perspectiva epistemológica, muito vago na definição que adotou de objeto de pesquisa, que na realidade sustentava seu posicionamento.

Naro & Votre (dessa vez com autoria invertida) delinearam a retórica de sua tréplica, e conseqüentemente seu posicionamento diante do debate (que se encerrou pela publicação desse texto), pela contextualização da circulação dos textos:

[O]s pontos de vista que expressamos em nosso artigo [de 1989] [...] deram origem a uma discussão em números seguintes [...] a respeito da validade de algumas afirmativas que fizemos. (Votre & Naro, 1992, p. 285).

Reassumindo posição de ruptura com a possibilidade do diálogo científico entre programas divergentes, Naro & Votre (1992, p. 285) claramente se manifestaram: “a nossa atitude era de confronto”. A tréplica não se caracterizou apenas como resposta ao texto de Nascimento (1990), mas como discurso que novamente colocava a ruptura entre os pontos de vista:

[A]s aparências, entretanto, não são confiáveis, já que cada abordagem tem sua visão própria dos mesmos fenômenos. Para o funcionalista todos os mecanismos que têm a mesma função devem ser reunidos e analisados sob o mesmo prisma; já para o formalista o critério é estritamente formal [...]. (NARO & VOTRE, 1990, p. 286)

Os funcionalistas criticaram o programa gerativista, ancorando-se em aspectos sociais e institucionais da ciência e da validade de suas práticas.

Retomando pensamento de Bourdieu (1994), para quem a ciência é troca de valores, a ruptura com os gerativistas, representados no debate pela postura de Nascimento (1990), encontrava-se em uma retórica que trazia à discussão o investimento financeiro em pesquisas que, segundo Naro & Votre, se perdiam em suas propostas e não geravam conhecimento válido.

Mais uma vez, os funcionalistas se afastavam de uma argumentação teórico-metodológica e apelavam para a desvalorização social de um programa que viam como opositor. A estratégia argumentativa era a de ver com desconfiança um lugar de qualidade e respeitabilidade que o opositor poderia ocupar.

Um apelo ao leitor, como fez Nascimento (1990) em mesma estratégia, encerrou a retórica de Naro & Votre (1992: 289): “a título de ilustração, convidamos o leitor a considerar as duas análises de VS em português e daí tirar suas próprias conclusões”.

Nessa perspectiva de combate entre diferentes vozes históricas e discursivas, gerativismo e funcionalismo estavam em dimensões contrárias em todos os sentidos, inclusive naquelas que orientavam diretrizes da condução social e institucional das pesquisas.

Conclusão

A retórica dos linguistas são os sentidos que emanam dos valores conotados a partir das operações linguístico-discursivas. Sentidos elaborados com função persuasiva para que se possam imprimir anseios de legitimidade que cada cientista procura conferir a seu trabalho intelectual.

Assim, o que procuramos mostrar neste texto (que privilegiou apenas uma fração de um complexo quadro de análise) foram elementos de natureza argumentativa que sustentam diferentes superfícies textuais dos discursos científicos, para os quais ainda se resiste a uma atribuição de um de seus elementos fundamentais: a busca pelo convencimento de seus destinatários acerca da validade dos empreendimentos científicos.

Referências bibliográficas

ALTMAN, Cristina. *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas, 1998.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Retórica de ruptura e descontinuidade nas ciências da linguagem: um estudo pela historiografia linguística. *Confluência*, n.49, 2015, p.119-141.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. A Historiografia da Linguística e a *retórica* dos linguistas: a força das palavras e seu valor histórico. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 18, v.2, 2016, p. 301-317.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Forma vs. Função na história da linguística brasileira: debates e retórica de ruptura – uma interpretação pela Historiografia da Linguística. *Confluência*, n. 52, 2017, p. 9-32.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Semântica vs. Pragmática na história da linguística brasileira: debate e retórica de ruptura. *Línguas & Letras*, Curitiba, v. 19, n. 43, 2018a, p. 20-39.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. “A cada um convém uma coisa”: debate e polêmica em torno da sociolinguística paramétrica na história da linguística brasileira. *Alfa*, São Paulo, v.62, n. 2, 2018b, p. 255-276.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Historiografia da Linguística e um quadro sociorretórico de análise. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 81-114.

BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência*. Trad. de Denice Barbara Catani de conferência e debate organizados em março de 1997. São Paulo: Unesp, 2004.

ILARI, Rodolfo. Dos problemas de imperfeita simetria. *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 13, p. 49-65, 1987.

ILARI, Rodolfo. O que fazer quando ‘2+3’ não é igual a ‘3+2’: a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural. *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 13, p. 97-103, 1987.

NASCIMENTO, Milton do. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. *DELTA*, v.6, n.1, p. 83-98, 1990.

RAJAGOPALAN, Kanavilli. Quando ‘2+3’ não é igual a ‘3+2’: a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural. *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 13, p. 67-96, 1987.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: princípios, perspectivas, problemas. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (org.). *Historiografia da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 45-80.

TARALLO, Fernando. Uma estória muito mal contada. *DELTA*, v.4, n.2, p. 265-272, 1988.

TARALLO, Fernando. Zelig: um camaleão-linguista. *DELTA*, v.2, n.1, p. 127-144, 1986.

**THE CONTROVERSIAL CONSTRUCTION OF SCIENCE: DEBATES
AND RHETORIC OF RUPTURE IN THE HISTORY OF BRAZILIAN
LINGUISTICS**

ABSTRACT: This article proposes an analysis of the rhetoric of linguists in situations of theoretical and methodological confrontation. From the perspective of Linguistic Historiography, three debates that have made history in Brazilian linguistics are reviewed. The objective is to show how scientific practices are related to argumentative positions in search of legitimation of linguistic ideas.

Keywords: Linguistic Historiography, Rhetoric, Debates

Envio: março/2019

Aceito para publicação: abril/2019

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267